

Judeus e linguas.

Não é comodo afirmar-se que há algo que permite classificar judeus, um critério comum a todos os judeus. Mas esse algo (se é que existe) não é uma lingua. Há linguas judias (por exemplo o hebráico, o sefarad e o yidich), mas estas dividem os judeus em vez de os unirem. O hebráico era possivelmente lingua comum na Antiguidade, mas o aramáico sempre problematizava tal universalidade; Na Idade média as mulheres ignoravam o hebráico, e portanto este serviu de divisor da comunidade. O sefarad jamais virou lingua realmente universal entre os judeus ditos "espanhois", e o yidich ainda menos entre os judeus ditos "alemães" e "russos". As linguas dividem, não unem judeus. No entanto: se há algo que os une, este algo é um livro, e livro é contexto de letras que significam fenômenos de lingua falada.

Isto tem consequência profunda sobre a civilização ocidental, que merece ser ponderada. A relação de judeu individual para lingua é menos íntima que a relação de não judeu, já que nenhuma lingua define o judeu, e ele não pode identificar-se com nenhuma. Por outro lado se e quando determinado judeu se identifica enquanto judeu, o faz graças a simbolos que significam lingua. Tal relação ambigua, simultaneamente distante e empenhada, caracteriza a posição do poeta. Judeus são poetas por sua "condição", ou seria afirmar isto mais um avatar da afirmação da "eleição judia"?

A lingua sefarad, embora jamais comum a todos os judeus, é no entanto uma das fontes da poesia ocidental na alta idade moderna. O alemão, lingua "inimiga", serve de medium para literatura judia que marca a modernidade: haja visto o Manifesto Comunista ou os textos freudianos. Algo semelhante está atualmente em curso com as linguas franceza e inglesa. Mas o exemplo mais convincente da relação especial entre judeus e linguas é outro:

Os evangelios, escritos em koiné, são traduções de duas ou mais escritas aramáicas perdidas nas reconstituíveis. Não permitem dizer com absoluta certeza se Jesus (como parece) falava aramáico e pregava hebráico, e se conhecia o grego. No entanto o que é certo é que a típica imbiguidade linguística judia se articula nos evangelios em diversos lugares. Por exemplo: o termo "logos" emprestado do grego e mais especialmente da filosofia platonizante, funciona indubitavelmente como o termo "chem" em hebráico, e é carregado pela mesma conotação de "estar com Deus". O mesmo vale para numerosos termos, por exemplo para "filho do homem" ou para "reino de Deus". Os termos são gregos, a conotação é hebráica, e destarte surge aquela tensão chamada "poesia".

Ora: os evangelios, embora textos tipicamente judeus (intimamente ligados aos demais textos talmúdicos) são fundamentais para a compreensão do Ocidente. Quem se interessar pelo Ocidente, obrigatoriamente tem de haver se com o problema "judeus e linguas."

Hamburgo, maio 90